

in memoriam

PROF. Dr. Carlos Eduardo Pereira Vega

A história de um médico obstetra dedicado à morte materna é intrigante e envolvente.

A jornada do Prof. Dr. Carlos Eduardo Pereira Vega, renomado médico, conhecido por suas habilidades excepcionais no campo da medicina e estatística, pela paixão em buscar respostas para os desafios da morte materna foi única. Ele se destacou em sua carreira acadêmica e conquistou reconhecimento nacional com sua metodologia de trabalho frente ao Comitê de Mortalidade Materna do Município de São Paulo (CMMMSP).

Sua vida profissional sempre dividida entre o acompanhamento de gestações exitosas, famílias que se formaram e a dor, o luto do óbito materno, a mãe que se foi.

Ele sacrificou sua vida social e familiar, seu sonho, sua missão: A construção do Comitê de Mortalidade Materna de São Paulo, desde então criando um sólido banco de dados e elevando São Paulo à vanguarda da vigilância ao óbito materno.

Entretanto, por trás do sorriso, havia uma batalha pessoal pela sua saúde. Aos poucos, ele percebeu que estava na hora de descansar e estar junto a sua esposa e filho.

Assim, eu recebi seu legado e compromisso com as mulheres paulistanas.

Prometi lealdade à metodologia, tenacidade nas investigações e iniciativa nas ações.

Ele era um grande estudioso da hipertensão no ciclo gravídico puerperal, e, em sua tese de doutorado, fez uma citação ao Taj Mahal, e é nesse sentido vou pautar minha jornada, olhar a morte materna com os olhos do Dr. Carlos.

Mumtaz Mahal deu ao seu esposo, [Shah Jahan](#), imperador do [Império Mogol](#), no [subcontinente indiano](#), entre 1628 e 1658, 14 filhos, mas faleceu no último parto e o imperador, desolado, iniciou em seguida a construção do Taj, como homenagem póstuma.

O Taj Mahal foi construído em equipe, assim como o CMMMSP. O Taj é simétrico, estético, rígido, porém construído a partir do amor, do ato de honrar uma mulher, uma mãe que faleceu no parto. O Taj nasceu do desafio de extrair beleza, movimento e ação a partir da tragédia de um pai, de um filho e de uma família. E o que mais poderia representar Dr Carlos se não transformar nosso luto em ação?

A planta do Taj está alinhada na direção cardinal norte-sul e os cantos foram colocados de forma que, quando visto do centro da planta, o sol possa ser visto nascendo e se pondo nos cantos norte e sul nos solstícios de verão e inverno, respectivamente. Isso faz do Taj um horizonte simbólico.

E assim Dr Carlos, espero que hoje o senhor ande pelos jardins do Paraíso e tenho certeza que as milhares de mulheres as quais o senhor deu voz após a morte, o guiarão em direção ao horizonte, em algum lugar além do arco-íris.

Cláudia Maria Ricardo Serafim Giaccio
Presidente do Comitê Municipal de Mortalidade Materna de São Paulo
Agosto 2023